

ENSINO CRÍTICO DE INGLÊS: O PAPEL DA LINGUAGEM CRÍTICA E DECOLONIAL, ALINHADA AOS JOGOS DE LINGUAGEM. ODS (4.7)

Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável.

Resumo

Este artigo tem como tema a linguagem crítica e decolonial, alinhada aos jogos de linguagem (Wittgenstein, 2007), em favor de uma ressignificação da práxis pedagógica nas aulas de inglês. O cenário educacional contemporâneo se estabelece em meio a desafios significativos, incluindo salas de aula superlotadas, docentes que atuam em diversas jornadas de trabalho, material didático defasado e currículos muitas vezes estruturalistas que pouco estimulam a criticidade nos discentes. Essas limitações frequentemente resultam em práticas pedagógicas que não atendem às novas demandas e problemas da sociedade, tornando essencial a busca por abordagens que possam revitalizar a educação. Sendo assim, esta pesquisa fundamenta-se na teoria dos "jogos de linguagem" de Wittgenstein (2007), que sugere que os contextos em que estamos inseridos fundamentam nossa forma de agir e interpretar o mundo. Dessa forma, o significado das palavras surge em seu uso dentro de contextos específicos. Portanto, à luz da teoria dos "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007), este artigo utiliza a linguagem crítica e a linguagem decolonial como ferramentas pedagógicas que promovem reflexões que desafiam paradigmas sociais, que perpetuam estigmas e preconceitos. Wittgenstein (2007) sugere que as formas de vida e os contextos moldam o uso e a compreensão da linguagem, o que é particularmente relevante em um ambiente onde a comunicação é constantemente influenciada por mídias digitais e redes sociais. A linguagem crítica, conforme definida por Freire (2019), envolve a análise reflexiva e questionadora das práticas sociais, enquanto a linguagem decolonial busca romper com hierarquias epistêmicas e valorizar múltiplas perspectivas culturais (Quijano & Ennis, 2000). Essas teorias ajudam a enfrentar os desafios impostos por currículos eurocêntricos e sistemas educacionais que perpetuam desigualdades. Por conseguinte, este artigo propõe a integração dessas ideias para enriquecer a práxis pedagógica, oferecendo aos alunos oportunidades para questionar e refletir sobre representações estereotipadas e preconceituosas encontradas no mundo e dentro da escola. Por fim, a adoção da linguagem crítica e decolonial, juntamente com a prática dos "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007), permite que os educadores criem ambientes de aprendizagem que fomentem o pensamento crítico e a

consciência social. Essa abordagem se engaja diretamente na promoção de mudanças sociais.

Palavras-chave: Ensino Crítico; Decolonial; Jogos de linguagem

Introdução

O docente do século XXI enfrenta inevitavelmente um paradoxo moderno em sua prática pedagógica. Ao mesmo tempo em que lida com as novas demandas e os problemas contemporâneos da sociedade, ele ainda precisa utilizar recursos obsoletos, em um sistema arcaico que, apesar dos avanços tecnológicos recentes, opera dentro de estruturas rígidas e limitantes que propagam pensamentos tradicionais, muitas vezes opressores.

Exemplo disso são as salas de aula superlotadas, o material didático defasado, os currículos escolares encapsuladores (Liberali, 2009) e um sistema de aulas em que as disciplinas se tornam estruturalistas e não dialogam entre si. Neste cenário caótico em que se encontra a educação, buscar formas de ressignificar a educação, utilizando-se das novas tecnologias e arranjos sociais, é de grande valia para os estudos educacionais hodiernos.

Sendo assim, para que se possa despertar nos discentes a consciência crítica, é necessário saber utilizar essas novas tecnologias e novas relações sociais a favor de criar espaços de questionamentos e reflexões sobre os estigmas e conceitos, já há muito, engessados da sociedade. É em encontro a esta situação que este artigo visa buscar alternativas que tragam novas formas de se educar nas aulas de inglês. O trabalho se baseia em autores como Vygotsky (1991) e Wittgenstein (2007) para trazer propostas de aulas que fomentem a criação de "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007) em favor do pensamento crítico nas aulas de inglês.

Para tal, o estudante deve saber reconhecer sua participação e sua capacidade de questionar esses pilares opressores. Esse reconhecimento torna-se possível ao perceber que muitas normas, valores e práticas sociais, embora pareçam naturais ou inevitáveis, são, na verdade, construções sociais que podem ser transformadas ou questionadas.

Nesse sentido, Wittgenstein (2007) trouxe uma nova compreensão da linguagem como um elemento constituinte da realidade, desafiando a visão

tradicional de que as palavras são meros rótulos para elementos do mundo. Essa perspectiva é particularmente relevante no contexto educacional, onde a sala de aula reflete as mesmas relações sociais encontradas na estrutura mais ampla da sociedade.

A escola, como um microcosmo da sociedade, torna-se o ambiente ideal para abordar os grandes dilemas das relações sociais. Assim como na sociedade, a sala de aula possui seus próprios "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007). Com aulas direcionadas, pode-se desenvolver o pensamento crítico dos alunos, criando situações em que os estudantes lidem com dilemas que os farão refletir e se tornarem críticos, conscientes de sua capacidade de mudar o ambiente que o cerca.

Dessa forma, considerando que a educação moderna exige abordagens inovadoras que possam responder às novas demandas e problemas contemporâneos da sociedade, é fundamental pensar em maneiras de ressignificar as relações escolares vigentes. Os métodos tradicionais muitas vezes não preparam adequadamente os alunos para questionar e transformar normas e valores estabelecidos.

Diante disso, explorar métodos pedagógicos que utilizam tecnologias recentes e novas formas de interação, como role-playing, pode oferecer alternativas para engajar os alunos de maneira mais efetiva, para estimular o desenvolvimento de "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007) em favor do pensamento crítico sobre conceitos e práticas sociais arraigadas. Ademais, essas metodologias podem ajudar a superar os desafios impostos por estruturas educacionais rígidas e recursos ultrapassados.

Por fim, este artigo busca, como objetivo geral, investigar e propor formas de utilizar os "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007) alinhados a linguagem decolonial, nas aulas de inglês para estimular o pensamento crítico dos alunos, contribuindo para a geração de novas perspectivas. Busca-se uma ressignificação da práxis pedagógica e uma superação das limitações estruturais e curriculares do sistema educacional. Para tal, este trabalho se desdobrará nos seguintes objetivos específicos:

1. Investigar como as teorias de Wittgenstein (2007) alinhadas à linguagem decolonial (Quijano, 2000) podem ser integrados nas aulas de inglês para promover uma abordagem mais crítica e reflexiva do tópicos estudados.

2. Identificar e discutir os desafios e benefícios da implementação desses métodos no contexto educacional atual.

3. Propor práticas pedagógicas que possam ser adaptadas ao ambiente escolar para melhorar o desenvolvimento do pensamento crítico.

Revisão da literatura

A teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein (2007) ilustra que a linguagem, assim como os jogos, é regida por regras específicas. Essa comparação destaca que, tal como as regras determinam a validade das jogadas em um jogo, as regras gramaticais e contextuais definem o significado e a adequação das expressões linguísticas. Wittgenstein (2007) argumenta que o significado das palavras não é fixo e imutável, mas depende do contexto e das práticas específicas em que são usadas, o que ele denomina de "jogos de linguagem" (Wittgenstein, 2007).

No contexto deste trabalho, utilizar os conceitos de Wittgenstein (2007) significa orientar as práticas de ensino a fim de desenvolver um ambiente em que a linguagem estimule os alunos a se tornarem agentes de mudanças sociais. Os "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007), direcionados ao pensamento crítico, ajudam a compreender e a ensinar a linguagem de maneira em que se busque a justiça social.

O Wittgenstein 2007 defende que os "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007) podem variar significativamente entre diferentes contextos e atividades, ou seja, quando orientado, a maneira crítica e reflexiva pode ser o jeito natural dos alunos se portarem.

Alinhando essa teoria à abordagem crítica da linguagem, conforme discutido por Moita-Lopes (2006), pode-se ir além da mera relação social entre alunos e professores. Os estudantes que direcionados, a rigor, podem desenvolver uma análise reflexiva das estruturas sociais e de poder que moldam o uso da linguagem.

A linguagem crítica é vista como um meio para questionar e desafiar as normas e ideologias dominantes, promovendo uma conscientização mais profunda sobre as injustiças e desigualdades presentes na sociedade. Essa perspectiva está alinhada com a visão de Paulo Freire (2019), que defende uma prática pedagógica dialógica

onde os alunos são encorajados a refletir criticamente sobre seu mundo e a questionar as práticas e normas estabelecidas.

A teoria decolonial, introduzida por Quijano (1990) e ampliada por Walsh (2008), aborda a persistência das hierarquias epistêmicas e das estruturas de poder colonial na produção e disseminação do conhecimento. A linguagem decolonial busca desafiar essas estruturas ao promover uma valorização das perspectivas e saberes das culturas marginalizadas. Quijano e Ennis (2000) discutem como os currículos e práticas educacionais muitas vezes perpetuam a marginalização de saberes não ocidentais, enfatizando a necessidade de criar espaços discursivos mais inclusivos e plurais. Walsh (2008) ressalta a importância de dismantlar o domínio das narrativas eurocêntricas para reconhecer a validade e a importância dos conhecimentos e experiências de grupos historicamente marginalizados.

A integração da linguagem crítica e decolonial na prática pedagógica pode transformar a educação em um espaço mais crítico. Com uma abordagem crítica, os educadores podem ajudar os alunos a analisar e questionar os discursos e práticas sociais para promover uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e desigualdade.

A apropriação da linguagem decolonial, por sua vez, permite uma valorização das múltiplas perspectivas culturais e epistemológicas, que desafiam o eurocentrismo e promovem uma educação que reconheça e celebre a diversidade. Essa combinação pode contribuir para a construção de uma práxis pedagógica que questiona e desafia as estruturas existentes, criando espaços para a inclusão e valorização de perspectivas diversas.

Método

Neste artigo, opta-se por uma abordagem metodológica bibliográfica com o intuito de explorar e fundamentar teoricamente o uso de "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007), alinhados à linguagem decolonial, no ensino de inglês como estratégia para estimular o pensamento crítico. A metodologia bibliográfica permite a construção de uma base teórica que analise e sintetize obras e estudos relevantes já publicados sobre o tema (Moita-Lopes, 2004).

Foram revisadas as obras de Wittgenstein (2007), que oferece uma perspectiva sobre a natureza da linguagem e o conceito de "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007). Também foram consultadas as contribuições de Vygotsky (1991), que discute a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo e a influência das práticas sociais no aprendizado.

Além disso, a fundamentação teórica inclui a análise das obras de Paulo Freire (2019), que defende uma abordagem pedagógica crítica e dialógica, incentivando a reflexão sobre as práticas sociais e a transformação das estruturas de poder através da educação. A perspectiva de Moita-Lopes (2006) foi utilizada para compreender a linguagem crítica como uma ferramenta de análise das práticas sociais e discursivas.

A abordagem decolonial foi examinada com base em Quijano (1990, 2000) e Walsh (2008), que criticam o eurocentrismo e promovem a valorização de saberes das culturas marginalizadas, desafiando as hierarquias epistêmicas e buscando uma educação mais inclusiva e plural. Esses trabalhos serviram de base para as reflexões desenvolvidas neste artigo

Resultados e discussão

Nesta seção, analisaremos os principais resultados obtidos a partir de uma reflexão surgida dos autores da fundamentação teórica. Essa reflexão leva à conclusão de que a educação está inserida em um cronotopo (Bakhtin, 1975) complexo, no qual as relações humanas ocorrem em um mundo cada vez mais caótico e exigente. Ao analisar esse cenário à luz da teoria de Wittgenstein (2007), especialmente seu conceito de ""jogos de linguagem" Wittgenstein (2007)", percebe-se que esse cenário educacional estabelece "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007) completamente distintos aos de algumas décadas atrás, e, além de serem inéditos, eles estão em constante transformação.

Os estudantes estão imersos em um ambiente onde sua atenção é constantemente disputada por recursos dinâmicos e rápidos da internet. O ambiente tecnológico, especialmente com a proliferação da internet e das redes sociais, molda os "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007), ao alterar significativamente as formas como as pessoas se comunicam, interagem e compreendem o mundo ao seu redor.

Tal situação resulta em um grande número de jovens desinteressados nos modelos tradicionais de sala de aula. Seus valores, contexto socio-histórico e pensamentos, que dão origem aos seus "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007), acabam sendo prejudicados e limitados ao espaço de uma bolha social e digital.

Portanto, é possível chegar à conclusão de que, no cenário educacional hodierno, se perpetuam desafios pedagógicos significativos a serem enfrentados por aquelas sociedades que buscam uma realidade mais justa, inclusiva e equitativa. Logo, o que se vê é que esses desafios são enfrentados todos os dias pelos educadores, que utilizam suas teorias e saberes em estratégias educativas dentro do ambiente de sala de aula. Nas mãos desses educadores, pesa a responsabilidade de lapidar futuros seres humanos que formarão as próximas gerações.

Porém, esse potencial muitas vezes é utilizado de forma neutra, não indo a favor de reflexões críticas. Nessa esteira, com relação à formação cidadã dos estudantes, o que se nota é que os docentes atuam sob a influência de sistemas educacionais que, muitas vezes, tendem à perpetuação de estigmas, preconceitos e à valorização de algumas culturas em detrimento de outras (Quijano; Ennis, 2000).

Considerando todo esse panorama preocupante, a linguagem crítica e os "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007), podem desempenhar papéis cruciais na promoção da *práxis* pedagógica transformadora, o que pode abrir espaços para todos refletirem sobre convicções e pensamentos críticos.

Para começar, a linguagem crítica, por se tratar de uma prática de uso da linguagem que envolve análise reflexiva e questionadora de práticas sociais (Freire, 2019), pode se aliar a linguagem decolonial a fim de desafiar paradigmas consolidados de conhecimento e poder, sendo possível criar espaços discursivos diversificados. Ambas são fundamentais para construir o reconhecimento de múltiplas vozes e perspectivas no mundo contemporâneo e romper barreiras, pois, como afirma Wittgenstein (2007, p. 70) "os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo".

Nesse esteio, surge o questionamento: onde a linguagem crítica e decolonial podem se fazer presente? Nesse sentido, Quijano (1990) nos apresenta um grande desafio a ser enfrentado: o conceito de colonialidade do poder. Trata-se de uma estrutura educacional que nos impõe hierarquias epistêmicas, ou seja, classificações

hierárquicas de conhecimento e formas de saber, que podem, muitas vezes, ser observadas nos currículos escolares (Quijano; Ennis, 2000).

Assim, entende-se que este ambiente opressor se apresenta como um dos principais desafios a que a linguagem crítica e decolonial se contrapõem. Na maioria das vezes, essas hierarquias colocam o conhecimento europeu e ocidental no topo, enquanto marginalizam e subalternizam conhecimentos indígenas, africanos e de outras culturas colonizadas (Walsh, 2008). Essa visão, por consequência, acaba nos levando à perpetuação de um ensino pouco questionador que atua como propagador da desigualdade social e do eurocentrismo presente na *práxis* de muitos docentes, limitando o processo de ensino-aprendizado.

Esses problemas têm impactos profundos na qualidade da educação, na equidade de oportunidades e no desenvolvimento integral dos discentes, uma vez que podem deixar de aprender conhecimentos relevantes para sua formação cidadã. Esse paradigma pode resultar no fato de que muitos sistemas educacionais refletem e perpetuam desigualdades estruturais existentes na sociedade. Esse movimento inclui disparidades no acesso a recursos educacionais de qualidade, diferenças no tratamento dado a diferentes grupos sociais e segregação escolar (Quijano, 2000).

Discentes pertencentes a minorias étnicas, raciais, linguísticas, socioeconômicas ou outras, por exemplo, frequentemente enfrentam estigmas e discriminação dentro e fora da sala de aula. Esse sentimento pode afetar negativamente sua autoestima, motivação para aprender e desempenho acadêmico. Além de todos esses problemas, muitos currículos ainda são dominados por perspectivas eurocêntricas, marginalizando conhecimentos, culturas e contribuições de grupos não europeus e não ocidentais (Quijano; Ennis, 2000). Essa estigmatização limita a possibilidade de os discentes verem suas próprias identidades e experiências representadas positivamente no ambiente educacional.

Diante de tal desafio, a linguagem crítica decolonial pode levar os estudantes a questionarem e avaliarem as informações que lhes são apresentadas. Dessa forma, fomenta-se a *práxis* pedagógica, que pode trazer uma apreensão mais aprofundada e contextualizada do saber.

O role-playing, por exemplo, um tipo de jogo onde se atua em papéis fictícios, permite que os alunos assumam diferentes papéis e explorem cenários complexos, questionando e refletindo sobre normas e valores consolidados. Esses jogos de

papéis oferecem um espaço para os alunos praticarem a análise crítica e a empatia, promovem uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e estimulam a capacidade de transformação e questionamento das estruturas sociais existentes.

Outro exemplo, em uma aula comum de inglês, ao se estudar sobre a família na escola, o docente, que permeia sua prática pedagógica com a linguagem crítica, pode trazer o questionamento sobre o fato de os livros enfatizarem principalmente os núcleos familiares de pessoas brancas e heterossexuais. Por conseguinte, o educador pode se valer da linguagem crítica para levantar questionamentos como, por exemplo: Vocês notam algum padrão nas representações de famílias descritas nos livros? Os discentes, assim, terão espaços para expressar suas observações.

Espera-se que, com essa postura, surja espaço para que o docente crítico intervenha, chamando a atenção para o fato de como essas representações podem influenciar visão de mundo das pessoas e de como as mídias consumidas pela sociedade podem moldar nossas expectativas sobre o que é 'normal' ou 'aceitável' em uma família.

Esse docente pode questionar seus estudantes sobre como isso pode impactar as pessoas que vivem em famílias diferentes das retratadas. Embasado nos "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007), o docente pode argumentar que o significado do mundo, das palavras e dos conceitos dependem do contexto em que são usados (Wittgenstein, 2007). Da mesma forma, o docente pode ressaltar que as representações de família variam de acordo com o contexto cultural e social.

Ao explorarem como usar a postura crítica para desafiar estereótipos e promover uma visão mais inclusiva, espera-se que os alunos se sintam mais engajados em questões sociais relevante. Eles podem começar a sugerir formas de representar famílias de maneira mais diversificada e inclusiva em suas próprias produções escritas e visuais e partir para reflexões mais complexas sobre outras problemáticas sociais. As discussões das aulas seguintes podem se focar em como usar a linguagem de forma consciente para refletir a realidade que se estabelece no mundo atual.

Pode-se incentivar os alunos a continuar questionando e desafiando representações estereotipadas em suas vidas diárias fora da escola e a reconhecer o poder da linguagem na promoção da igualdade e da justiça social, a fim de combater estigmas e preconceitos. No caso da questão levantada, especificamente,

espera-se que a atividade facilite a compreensão crítica sobre representações familiares em inglês, ofereça conhecimento linguístico e incentive os alunos a agir de maneira reflexiva e inclusiva em relação à diversidade familiar na sociedade.

A linguagem crítica envolve questionar o ponto de vista apresentado pelo sistema, sugerindo uma perspectiva mais ampla e contextualizada do tema estudado, levando em consideração as consequências sociais do que se estuda. A linguagem crítica (Moita-Lopes, 2006) e os jogos de linguagem (Wittgenstein, 2007) podem ser entendidos como uma postura desafiadora, adotada por todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Essa postura pode ser promovida por meio de debates, leituras críticas e discussões sobre questões sociais pertinentes. Ao aprender a enxergar além das aparências e decifrar padrões subjacentes, acredita-se que os alunos passem a identificar e confrontar injustiças e disparidades na sociedade. Incentivar a análise crítica das informações recebidas promove uma compreensão mais profunda e contextualizada do conhecimento (Moita-Lopes, 2006).

Por fim, a linguagem crítica, alinhada à linguagem decolonial, e os "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007) desempenham um papel crucial na construção de uma consciência social e política. Esta postura deve ser contínua e estar presente no dia a dia, na práxis pedagógica, incluindo, nas escolas, atividades que abordem justiça social, diversidade e direitos humanos. Essas abordagens ajudam os alunos a reconhecer estruturas de poder e desigualdades, formando cidadãos e cidadãs que compreendem seu contexto social e estão motivados a agir para transformar suas comunidades. Assim, a educação deixa de ser um processo passivo e se torna um catalisador para a transformação social, com a aplicação dos "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007) por todos os envolvidos.

Conclusão

Este artigo abordou a integração das teorias de Wittgenstein (2007) com a perspectiva decolonial de Quijano (1999; 2000) na prática pedagógica do ensino de inglês. Através da análise teórica e da revisão bibliográfica, foi possível identificar como essas abordagens podem se complementar para promover um ensino crítico e reflexivo.

Os desafios da implementação dessas abordagens no contexto educacional atual, como a resistência a mudanças e a falta de recursos, são significativos, mas não intransponíveis. Os benefícios potenciais, como o desenvolvimento de um pensamento crítico mais profundo e uma maior inclusão cultural, demonstram a relevância e importância dessas práticas.

Propor práticas pedagógicas adaptáveis, que incluam "jogos de linguagem" Wittgenstein (2007) e atividades que incentivem a reflexão crítica, pode contribuir para a formação de alunos mais conscientes e engajados. A avaliação contínua dessas práticas e a adaptação ao contexto específico de cada ambiente escolar são fundamentais para garantir que os objetivos educacionais sejam alcançados de forma eficaz.

Em suma, a articulação das teorias oferece uma oportunidade valiosa para transformar o ensino de inglês em um processo mais questionador. A adoção dessas práticas pode enriquecer a experiência de aprendizado dos alunos e contribuir para a construção de um ambiente educacional que valorize a diversidade cultural e promova a justiça social.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 61. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LIBERALI, Livia Freitas Simões. *A construção de zonas de desenvolvimento iminente por meio de atividades de ensino em uma escola pública*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

MIGNOLO, Walter D. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

MOITA-LOPES, L. P. *Linguística Aplicada na Modernidade Tardia: Um Campo de Intersecções*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y modernidad/racionalidad*. *Perú Indígena*, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1990.

QUIJANO, Aníbal; ENNIS, Matt. *Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America*. *Nepantla: Views from South*, v. 1, n. 3, p. 533-580, 2000.

WALSH, Catherine E. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)colonialidad y horizontes de posibilidad*. Quito: Ediciones Abya Yala, 2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. 4. ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2007.